

O PRAGMATISMO JAMESIANO E A PSICOLOGIA: DE UMA RELAÇÃO HISTÓRICA A UMA FERRAMENTA ATUAL

JAMESIAN PRAGMATISM AND PSYCHOLOGY: FROM A HISTORICAL RELATION TO A PRESENT TOOL

Arthur Arruda Leal Ferreira

Universidade Federal de Rio de Janeiro (UFRJ) – Brasil

arleal@superig.com.br

Resumo: A tese central desse trabalho é que a relação entre o pragmatismo de William James e a psicologia nos conduz a dois caminhos. Em uma abordagem histórica, é possível estudar como o pragmatismo pode ter sido fundamental no trânsito para uma psicologia de aspecto mais funcional no início do século XX. Mas é igualmente possível utilizar o pragmatismo jamesiano como uma ferramenta atual, ajudando-nos a pensar historicamente como a psicologia pôde manter sua diversidade de orientações e dispositivos por meio de dispositivos específicos de produção de subjetividades. Ao passo que a primeira via está presente em algumas análises históricas, a segunda, é rara. O alvo deste trabalho é, pois, explorar ambos os caminhos, abrindo novas possibilidades de atualização do pragmatismo jamesiano.

Palavras-chave: Pragmatismo. História da Psicologia. Epistemologia.

Abstract: *The relation between pragmatic philosophy and the history of psychology leads to two paths. From a historical perspective, we can study James' pragmatism and notice how it has led to a strong shift towards functional psychology. But we can also use his pragmatist thoughts as a present tool in historical research itself, enabling us to analyze and discuss how psychology was able to maintain its diversity of orientations and devices through specific means of production of subjectivities. While the first path is usually present in some historical analysis, the second one is rare, and could serve as a historical and epistemological tool, considering psychology in its plurality. The aim of this work is thus to explore both paths, trying to open new possibilities for the application of James' pragmatism.*

Key-words: *Pragmatism. History of Psychology. Epistemology.*

1. 1ª via: Pragmatismo e psicologia

No bojo da primeira via, o que se deseja demonstrar é como o pensamento pragmático foi o operador-chave de uma transformação de primeira importância na história da psicologia, no trânsito de uma análise da experiência imediata para um exame funcional desta, considerando-a como parte de um organismo em adaptação. Minha hipótese é que o pragmatismo é mais decisivo de que a própria psicologia de James, presente em seus *Princípios de Psicologia* (James, 1890). Se, para o pragmatismo a verdade não existe como um estado prévio, só podendo se falar de efeitos de verdade, então a nossa experiência consciente só pode ser abordada a partir de seus processos e efeitos.

A relação entre pragmatismo e funcionalismo é bastante estreita: os primeiros filósofos pragmatistas como William James e John Dewey são também os primeiros psicólogos funcionalistas. James Angell (1903), por exemplo, estipula claramente que o funcionalismo é o pragmatismo psicológico, assim como o pragmatismo é o funcionalismo filosófico. Mas esta relação é mais complexa que a assinatura comum dos mesmos autores. Por exemplo, vemos em James uma psicologia anterior a sua filosofia pragmatista que ainda não é inteiramente funcionalista. A psicologia dos *Princípios de Psicologia* (James, 1890), como Dewey (1940) posteriormente ressalta, ainda não é plenamente funcional. Ela seria travada por obstáculos, como uma certa substancialização do sujeito e o dualismo entre mente e corpo advogado como atitude do psicólogo. É a partir do pragmatismo que o funcionalismo psicológico vai ser proposto em sua radicalidade. Para dar conta destes novos referenciais funcionalistas, uma rápida apresentação do pensamento filosófico de James é necessária. Para tal, temos que recorrer a algumas definições prévias. Passemos a palavra ao próprio autor.

Sobre o pragmatismo, este seria “primeiramente um método, e em segundo lugar, uma teoria genética do que se entende por verdade” (James, 1979a: 25). Em seu primeiro sentido, significa: “A atitude de olhar além das primeiras coisas, dos princípios, das “categorias”, das supostas necessidades; e de procurar pelas últimas coisas, frutos, conseqüências, fatos” (*op. cit.*: 21). Atua de forma à:

... extrair de cada palavra o seu valor de compra prático, pô-lo a trabalhar dentro da corrente de nossa experiência. Desdobra-se então menos como uma solução do que como um programa para mais trabalho, e mais particularmente como uma indicação dos caminhos pelos quais as realidades existentes podem ser modificadas [...] As teorias assim tornam-se instrumentos e não respostas aos enigmas, sobre as quais podemos descansar (*op. cit.* 20).

O método aqui posto em questão seria originário de Charles S. Peirce. Contudo, na sua apropriação há um deslocamento, pois, se para o lógico norte-americano este visava extrair as “regras de conduta”, ou hábitos presentes nos conceitos científicos, para James este representava o estudo das modificações na experiência trazidas pelas teorias, em especial as metafísicas e religiosas. A teoria da verdade, ou o segundo sentido, é tido como conseqüência natural do primeiro para James: “Verdadeira é o nome para qualquer idéia que inicie o processo de verificação, útil é o nome para sua função completada na experiência” (*op. cit.*: 73). Ou ainda:

A verdade para nós é simplesmente um nome coletivo para processos de verificação, do mesmo modo que a saúde, a riqueza, a força, etc., são nomes de outros processos ligados à vida, e também perseguidos, porque compensa persegui-los. A verdade é feita, do mesmo modo que a saúde, a riqueza e a força são feitas no curso dos acontecimentos (*op. cit.*: 78).

Se o método pragmático une o significado à conduta, a teoria pragmática da verdade implica a boa conduta. Uma exprime o produto, a outra, o valor deste. É esta extensão última do método que Peirce rejeitará veementemente, ocasionando o rebatizado de seu sistema para “pragmaticismo”.

A tomada pragmática da verdade, enquanto efeito ou produção, conduz, na obra de James a duas estratégias na consideração desse “efetuar”. Estas duas estratégias conduzem a dois movimentos no combate aos “monismos racionalistas”, especificando-se em dois campos de produção da verdade, um mais ao “front”, o outro, mais recuado, conforme o sabor da luta. A estratégia mais avançada e conciliadora aos racionalismos remete à tomada da verdade enquanto condução operada pelas ferramentas conceituais no fluido e flexível terreno da “experiência pura”. Desta maneira, a verificação pode ser concebida por uma “modelagem” eficiente de nossos “cinzeis conceituais” sobre a realidade, esta em si entendida como predominantemente produzida. Nesta realidade, já modelada por sucessivas verdades construídas, a experiência pura seria “o que é absolutamente mudo e evanescente, o *limite* [grifo meu] meramente ideal de nossos espíritos” (*op. cit.*: 90). É um núcleo tão fugaz e flexível, que se pode dizer que a verificação opera quase exclusivamente no acordo entre as novas e as velhas verdades. Quase cai em um intelectualismo, não fosse a ressalva de que são apenas instrumentos: “É como se existissem; mas na verdade são *como coordenadas ou logaritmos, apenas atalhos artificiais para levar-nos de uma parte a outra do fluxo da experiência*” [grifo meu] (*op.cit.*, p. 68). E como instrumentos, são menos reais que o núcleo evanescente: “Bastam para tantos objetivos práticos e necessários de vida; e, entre mesmo os de nossa gente, são somente os espécimes altamente sofisticados, os espíritos corrompidos pela cultura, como Berkeley os chama, que jamais suspeitaram de não ser o senso comum [conceitos] absolutamente verdadeiro” (*op.cit.*, p. 65). Trata-se enfim de um conjunto de ferramentas atuando em uma experiência flexível e fluida a bem de nossa “sob-vivência”. A

esta concepção da verdade atrelada à industriabilidade humana, em que a experiência pura é um limite, cabe o nome de “humanismo”.

Nesta estratégia humanista, a oposição se dá como conciliadora, devido à mão estendida às ditas posições monistas (como a hegeliana, muito em voga na universidade norte-americana da época) na construção pragmática de um mundo plural. Eles seriam aceitos como parceiros nesta “nova ordem industriosa”. O ardil dessa posição está no acolhimento de posturas filosóficas que se mostrariam intolerantes à pluralidade, dada a sua posição transcendente. É nesta tolerância que se situa sua oposição: na ironia de tomar as “verdades metafísicas” transcendentais como meras “ficções operatórias”. Esta suposta conciliação representa um modo “gandhiano” de ataque pela “não-violência” à suposição de uma realidade e uma verdade “eternas”, em que a função do conhecimento seria a de reproduzir fielmente aquela, como um reino extra-humano e extra-empírico: “O contraste essencial é que, para o racionalismo, a *realidade já está pronta e completa desde toda eternidade*, enquanto *que para o pragmatismo está sendo feita, a espera de seu aspecto futuro*. Por um lado, o universo está absolutamente firme, por outro, está perseguindo suas aventuras [grifo meu]” (James, op.cit., p. 93).

Não se precisa ir muito longe para se tomar a recusa “monista” a este “ramo de oliveira” (James, 1979b: 114) conciliatório, ao mesmo que irônico e não violento. A resposta de James, na sua radicalidade, remete ao entrincheiramento da verdade nos fluidos correntes da experiência pura, sem possibilidade de conciliação. Daí seu empirismo ser “radical”: assim talhado no embate contra o transcendentalismo e dualismo das “metafísicas tradicionais”. Aqui a verdade não é mais o continente, mas a nascente da experiência pura, que flui em termos e relações, conceitos e preceitos, todos seus produtos legítimos e igualmente reais. Verdade seria a passagem sentida de uma “antecipação cognitiva” a seu termo perceptivo. Passagem que comporta um guia, um roteiro de condução, mas que se define melhor na imanência dos sentidos. Tudo emanaria desta experiência: aqui faz sentido situar uma verdade mais real no cerne do fluxo da experiência, como estipula Bergson (1920).

Já não há esta possibilidade no “humanismo”: “E não pode a própria realidade prévia existir, muito menos para o propósito de reaparecer inalterada em nosso conhecimento, do que para o propósito mesmo de estimular nossos espíritos e essas adições, à medida que encarecem o valor total do universo?” (James, 1907a: 93). A realidade do fluxo mais do que um existente, é um pedido à “construção humana”. Contudo, é mais real que suas ferramentas intelectuais. A oposição que se pode estabelecer entre a “estratégia empirista radical” e a “humanista” é a mesma que se pode estabelecer entre o “barco à vela” e o “a vapor”, enunciada por Bergson (1920: 14).

Contudo, se a verdade representa o valor de uma condução completada, ela por vezes pode ser antecipada, a fim de produzi-la. Isto ocorre quando a fé, ou crença no resultado é condição necessária à produção, como sugere a noção de *Vontade de Crer*:

Os futuros movimentos das estrelas ou os fatos da história passada estão determinados agora, duma vez por todas, queiramos ou não. Eles não dizem respeito aos meus desejos, e tudo o que concerne a este tipo de verdade, as preferências subjetivas não têm vez aqui; somente obscurecem o julgamento. Mas em todo fato em que entre um elemento de contribuição pessoal de minha parte, assim que esta contribuição pessoal demande um certo grau de energia subjetiva, que por sua vez, carece de uma certa quantidade de fé no resultado - tanto que, depois de tudo, o fato futuro é condicionado pela minha presente fé nele - quão estúpido para mim seria negar-me o uso do método subjetivo, o método da crença baseada no desejo (James, 1967: 337).

Ou ainda: “A crença cria a sua verificação. O pensamento torna-se literalmente pai do fato, como o desejo é pai do pensamento” (op. cit.: 341). Como se pode vislumbrar, estes novos conceitos sobre o conhecimento e a verdade se colocam de forma completamente antagônica às concepções de conhecimento enquanto representação, subjacentes à psicologia clássica alemã. Como se pode delinear a partir destas orientações um novo projeto para a psicologia? A resposta se encontra na psicologia funcionalista, representada pela Escola de Chicago de John Dewey, James Angell e Harvey Carr.

2. O surgimento do Funcionalismo norte-americano

Assim, é desta forma que a consciência passa a ser considerada nos diversos funcionalismos: a partir de sua função num duplo sentido: como um processo dinâmico e como um processo orgânico dotado de finalidade adaptativa. Esta concepção da experiência consciente abre assim uma nova questão, a saber, a de sua função biológica. Nossa consciência opera aqui no ajuste a situações problemáticas, sendo ativada com o fim de selecionar as melhores hipóteses ou alternativas de ação. A experiência passa a ser vista a partir de uma nova questão (a adaptação), por meio de diversos métodos, distintos da introspecção controlada (os métodos comparativos com os animais, as psicometrias, a observação natural) e regulada por um novo modelo inspirado na teoria da seleção natural, fazendo da biologia a ciência-guia da nova psicologia em vias de surgimento. Então, temos a transição de um projeto de psicologia científica caracterizado por Canguilhem (1973) como “A Física do sentido externo” para um outro projeto totalmente distinto que poderíamos chamar de “Ciência e tecnologia da adaptação”. No entanto, a mudança mais radical se produz na medida em que esta psicologia, mais que estudar a adaptação, tenta promover diretamente a adaptação em seus sujeitos. Isto, especialmente inspirado no pragmatismo, ao indicar que um saber se avalia por meio de seus efeitos, de sua utilidade, abrindo assim um canal oficial para a psicologia aplicada, que acabou por definir o sentido da própria psicologia. É assim que não somente a psicologia educacional, do trabalho, a clínica e os testes mentais são assimilados à psicologia, mas também passam a ter um caráter central na definição do campo psicológico. Neste momento a psicologia passa a ser definida como saber prático e aplicado, por sua engenharia das relações humanas.

3. 2ª via: Pragmatismo como epistemologia da psicologia

Podemos nos perguntar se a psicologia funcionalista tal como conhecemos é a única herança possível do pragmatismo. Sem dúvida, a idéia de ramificações e de destinos possíveis ao pragmatismo não seria estranha a James, pois segundo o próprio autor, este pensamento se mostraria como um corredor, por médio do qual podemos lugar a os mais diversos cômodos:

Em princípio, pelo menos, [o pragmatismo] não visa resultados particulares. Não tem dogmas nem doutrinas, salvo seu método. Como o jovem pragmatista italiano Papini disse muito bem, situa-se no meio de nossas teorias, como um corredor em um hotel. Inúmeros quartos dão para ele. Em um, pode-se encontrar um homem escrevendo um volume ateístico, no próximo alguém rezando por fé e força; em um terceiro, um químico investigando as propriedades de um corpo. Em um quarto, um sistema de metafísica idealística está sendo excogitado; em um quinto a impossibilidade da metafísica está sendo demonstrada. Todos, porém, abrem para o corredor e todos devem passar pelo mesmo se quiserem ter um meio prático de entrar e sair de seus respectivos aposentos (James, 1979a: 21).

Então, é possível encontrar outras formas de caminhar neste corredor que é o pragmatismo jamesiano. Em nossa segunda via proposta, mais além de esta transformação que reordenou a psicologia em suas características mais atuais, se pretende retomar o pensamento pragmático como um instrumento conceptual para a história da psicologia, especialmente no que diz respeito ao intento de explicar sua pluralidade de orientações, teorias, práticas e hipóteses. Se recusa aqui qualquer interpretação que reduza esta multiplicidade a uma unidade ontológica insuspeita (o ser humano em sua essência, ou as atividades funcionais de um organismo) ou a alguma promessa futura de redenção científica, em uma perspectiva evolucionista. Pensando em uma perspectiva pragmatista, o que se pretende demonstrar é que as diversas (e mesmo contraditórias) psicologias coexistem porque produzem, cada uma a seu modo, efeitos em nossa experiência, em nossos corpos e em nossas ações; nos conduzem a um modo de ser. Assim, cada psicologia se realiza, mesmo que contraditória com outras, na medida em que produz formas de subjetivação em nossa experiência, nos “ensina” sobre os determinantes, leis e sentidos que constituiriam nossas vidas.

Neste sentido, é necessário estudar as formas específicas em as quais cada dispositivo psicológico (nas fábricas, escolas, clínicas, laboratórios, artigos de difusão, etc.) pode produzir subjetividade. Mas, em geral é possível pensar que os efeitos mais fortes e amplos dos dispositivos psicológicos são devidos à suposta autoridade científica da psicologia, de onde se supõe que os psicólogos são capazes de nos revelar nossas verdades mais profundas. Algo que Latour (2004) e Despret (2004) relacionariam à chamada docilidade humana (aceitando o psicólogo como autoridade) em oposição à chamada recalcitrância, a capacidade de resistência comumente apresentada pelos seres não-humanos nos laboratórios (frequentemente explodindo mediante operações inadequadas):

Contrário aos não-humanos, humanos tem uma grande tendência, quando colocados em presença de uma autoridade científica, a abandonar qualquer recalcitrância e se comportar como objetos obedientes oferecendo aos investigadores apenas declarações redundantes, confortando então estes investigadores na crença de que eles produzem fatos 'científicos' robustos e imitam a grande solidez das ciências naturais (Latour, op. cit.: 217).

Nesta forma pragmática de se trabalhar a questão da pluralidade da psicologia, é possível também por em questão as condições de possibilidade históricas de nossos dispositivos psicológicos. Como James (1979a, 5ª conferência) ressalta: “novas verdades” então são resultantes de novas experiências e de velhas verdades, combinadas e mutuamente modificando uma a outra”. E de onde vêm estas velhas verdades (nossas condições de possibilidade)? Estas velhas verdades se constituem precisamente no cruzamento de velhas práticas históricas (práticas de poder como as disciplinas e técnicas de si, como a confissão) com práticas científicas tomadas de outras ciências (modelos e métodos) donde a psicologia extrai sua autoridade e respeitabilidade científica. É assim que na psicologia alemã gestaltista o exame da nossa experiência ingênua se articula com o equilíbrio físico das formas; no behaviorismo americano, a tentativa de disciplina das atividades humanas na educação e no trabalho, conduz à força dos condicionamentos pelo conceito de adaptação; na psicanálise, as práticas de confissão e o esforço de desvelar as fontes dos nossos mais íntimos desejos e conflitos psíquicos nos levam a uma visão do homem como um ser desejante, marcado pela impossibilidade de equilíbrio energético dentro do ciclo pulsional.

Esta concepção do funcionamento histórico das psicologias pelo jogo com suas velhas verdades é aqui batizado de *Máquina de múltiplas capturas*. Seria assim denominado por justamente se referir a este processo de assimilação diversa que velhas verdades produzem com relação às nossas novas experiências atuais, movimento este produzido pelas principais

abordagens em psicologia. Poucos saberes talvez tenham proporcionado um modo tão múltiplo de recombinação de velhas práticas sociais e modelos e métodos de outros modos de conhecimento, modulando e modelando nossas experiências atuais. Produzindo diversos modos de subjetivação e de conhecimento sobre o ser humano. Apesar da busca constante de um conhecimento unitário e universal sobre os determinantes últimos da natureza humana. Que, sem dúvida é um motor importante para que esta diversidade se sustente, uma vez que respaldada sempre por alguma forma de autoridade científica. Mesmo que esta multiplicidade seja contrária às intenções de purificação de cada orientação.

Portanto, de modo muito distinto da versão instrumental com que o pragmatismo se consagrou na psicologia, o que se busca retomar com James na atualidade é a possibilidade de uma concepção da psicologia que recuse qualquer operação normativa em nome de uma universalidade científica. Pois, entendida dentro de um processo de construção de conhecimento e de subjetividades, sua atuação seria por excelência ampliar (e não reduzir) o número de versões com que nos constituímos. Problematizando as formas de vida mais consagradas em que nos agarramos e liberando outras possibilidades menos correntes. Caminhando não na direção de uma universalidade, mas de um pluriverso de modos de existência. Nada mais pragmático.

Referencias bibliográficas

- BERGSON, Henri. “Verité et realité”. In: James, W. *Pragmatisme*. Paris: Flammarion, 1920.
- CANGUILHEM, Georges. “O que é psicologia?”. In: *Tempo Brasileiro*, 30/31, 1973, pp. , 104-123.
- DESPRET, Vinciane. *Le cheval qui savait compter*. Paris: Les empecheurs de penser en ronde, 2004.
- LATOUR, Bruno. “How to talk about the body”. In: *Body & Society*, vol. 10 (2-3), 2004.
- Dewey, John. *El hombre y sus problemas*. Buenos Aires: Paidós, 1940.
- James, William. *Principios de Psicología*. Buenos Aires: Glem, 1945.
- _____. “The sentiment of rationality”. In: *The Writings of William James*. New York: Random House, 1967.
- _____. “Pragmatismo”. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979a.
- _____. “O significado da verdade”. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979b.